

AMANDA CRISTINA MAGALHÃES COSTA
JULIANA MILANEZ

Afetividade no processo de Ensino e Aprendizagem

Reflexões a
partir da
prática docente



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE QUÍMICA

PEDAÇOS DE MIM

Eu sou feito de
Sonhos interrompidos
detalhes despercebidos
amores mal resolvidos

Sou feito de
Choros sem ter razão
pessoas no coração
atos por impulsão

Sinto falta de
Lugares que não conheci
experiências que não vivi
momentos que já esqueci

Eu sou
Amor e carinho constante
distráida até o bastante
não paro por instante

Já
Tive noites maldormidas
perdi pessoas muito queridas
cumprí coisas não prometidas

Muitas vezes eu
Desisti sem mesmo tentar
pensei em fugir, para não enfrentar
sorri para não chorar

Eu sinto pelas
Coisas que não mudei
amizades que não cultivei
aqueles que eu julguei
coisas que eu falei

Tenho saudade
De pessoas que fui conhecendo
lembranças que fui esquecendo
amigos que acabei perdendo
Mas continuo vivendo e aprendendo.

(Martha Medeiros)



SUMÁRIO

1. A fantasia e o mundo real.....	01
2. É mais sobre mim.....	06
3. Pegar mais leve.....	09
4. Simplesmente SER.....	13
5. Onde está a minha autenticidade?.....	15
6. Desafios com o 9º ano.....	19
7. Dinâmica 9º ano.....	22
8. O período de férias e suas mudanças.....	27
9. Chá revelação com experimento químico.....	31
10. Conflito sobre a gravidez.....	36
11. Retorno após a licença maternidade.....	41
12. Uso do celular e fortes emoções.....	46
13. Despedida.....	52

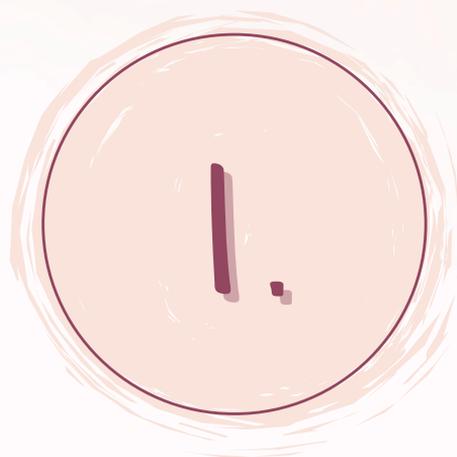
Apresentação

Este e-book nasce a partir da proposta de confecção de um diário de bordo adotado como material de registro das reflexões oriundas do desenvolvimento da pesquisa de mestrado da narradora personagem, Amanda Magalhães. Lentamente o material foi se caracterizando como o produto educacional oriundo dessa pesquisa. Apresentamos 12 narrativas acompanhadas de suas datas de registro e seus títulos, a partir das quais pretende-se trazer contribuições sobre a temática da afetividade presente no processo de ensino e aprendizagem sob a óptica da professora-pesquisadora-narradora. Ao final de cada narrativa são trazidas reflexões e associações com tópicos teóricos que permearam a escrita da dissertação.

A pesquisadora, iniciou sua prática docente em julho de 2022, como professora de Ciências do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e professora de Química da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, de uma Fundação na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Esta experiência permitiu novas perspectivas sobre sua pesquisa, possibilitou diferentes formas de pensar e se relacionar com a temática estudada, mas acima de tudo sobre o seu fazer e ser docente. A partir daí, iniciou-se a escrita do diário de bordo, abordando desafios e aprendizados acerca dos aspectos emocionais e afetivos experienciados. Tais registros e vivências, juntamente com o embasamento teórico, trouxeram benefícios para a evolução da pesquisa, bem como, expandiu as possibilidades para a confecção deste e-book.

A afetividade como parte intrínseca das relações estabelecidas no espaço escolar, sejam elas entre os docentes e os alunos, entre os alunos, entre os docentes com eles mesmos, entre os sujeitos com os objetos de estudo, entre outras, deve ser mais e mais bem inserida em estudos, práxis e debates da área. Como parte presente, dinâmica, histórica e imprescindível do processo de ensino e aprendizagem, falar sobre a afetividade e o desenvolvimento socioemocional de alunos e docentes faz mais sentido, em nossa concepção, a partir de um formato de compartilhamento e não algo sistematizado, pronto e acabado.

Desejamos que a leitura a seguir contribua para novas percepções, para que emergjam novos questionamentos e suscite identificações de colegas de profissão com as questões de cunho afetivo e emocional que permeiam o ser e fazer docentes.



A fantasia e o mundo real

.....

15.10.2022



A fantasia e o mundo real

15.10.2022

Entre o teatro de ser professora que marcou minha infância e a vida real como docente em sala de aula há muitas diferenças. Desde muito nova eu sonho em ensinar, o quadro e o giz sempre foram minha brincadeira favorita. Era para as bonecas, para os familiares, para as amigas e depois para mim mesma, estudando em voz alta simulando uma aula. Que prazer eu sinto em dividir o que aprendo.

Mas esse ano eu pude ir para a sala de aula real e me deparei (e deparo todos os dias) com diversos desafios; desde a minha construção como professora até aqueles que fazem parte de todo um sistema educacional. Estar a frente de 30 olhares que carregam bagagens, sentimentos, necessidades, expectativas e peculiaridades distintas é uma responsabilidade que me toca de várias formas. Uma delas é entender que por mais que eu queira, jamais conseguirei dar conta de tudo que almejo.

Tenho tido muitos questionamentos sobre o meu fazer e ser docentes: será que planejei essa aula da melhor forma? Será que estudei o suficiente esse conteúdo? Será que estou conseguindo alcançar os alunos? Será que vou dar conta de fechar o cronograma? Será que mandei o arquivo dentro do prazo para impressão? Será que essa é a melhor abordagem para trabalhar esse comportamento da turma? Será que eu estou sendo muito permissiva? Será que os alunos gostam de mim? Será que essa necessidade de que eles gostem de mim é uma pauta de terapia? Será que tem algum professor(a) que sente dar conta de tudo? Será que amanhã, no segundo horário haverá palestra? Será que o professor de História troca o horário comigo para eu fazer aquela nova proposta? Será que vou saber responder isso? Se eu assumir que não sei, vou perder a credibilidade? Será que fiz a mediação daquele conflito da melhor forma? Será que eles vão bem na prova? Será que eu fiz exercícios suficientes com eles? Será que ela não se interessa pelo conteúdo por minha culpa? Será que eu preciso pensar em uma forma de motivá-lo? Será que os problemas que ela traz de casa fazem ela não acreditar em si? Será que eu tenho formação e/ou o papel de mudar isso?

Quantos "será's" para um só ser. E será que cabe um ser em meio a tantos "será's"? Talvez eu ainda esteja perdida entre eles. E todos os dias me pergunto se um dia vou me encontrar. Se um dia essa enxurrada de dúvidas cessa ou ao menos minimiza. Se um dia as certezas passam a falar mais alto e as dúvidas sussurram. Me pergunto onde encontrar as respostas, se elas existem, se tem uma única resposta para cada pergunta. Construir nossa subjetividade docente nas condições atuais de trabalho tem sido extremamente desafiador.

A sensação é sempre de estar trocando o pneu com o carro em movimento. Não há tempo para ensaiar. As decisões precisam ser tomadas naquele momento, muitas vezes com os 30 olhares sobre você. Quantos erros cometo para que um acerto aconteça? E quem acolhe e organiza tudo isso se chego em casa exausta? Se a energia que me falta precisa ser recobrada para planejar as aulas do dia seguinte? Em meio a todas as perguntas talvez você pense: foque no seu papel, que é ensinar o conteúdo e pronto.

Talvez quem nunca esteve em uma sala de aula real, pense assim. E eu entendo, porque estive na sala de aula da minha fantasia por muitos anos. E ensinar para as bonecas ou para os alunos imaginários é simples assim. É apenas ter o domínio do conteúdo. Mas ensinar pessoas é complexo demais. Pessoas que carregam em si um universo único de ser e existir. E como me construir, me encaixar em meio a todos esses universos é o grande desafio. Como conseguir encontrar a forma que vou ensinar, aprender e educar nesse espaço tão cheio de vida. Como exercer a minha profissão e chegar em casa com a sensação de dever cumprido com tantas variáveis em jogo.

Se tenho uma lição aprendida até o momento é: solte a necessidade de controle. A sala de aula é um espaço que tudo acontece, as possibilidades são múltiplas e imprevisíveis. Porque são pessoas. Aceitar que o real não é linear como o mundo da fantasia, que ele é cheio de curvas, de altos e baixos talvez seja a saída pra se manter em meio a tantas dúvidas. Entender que as respostas não são únicas, que não existe um modelo a ser seguido, que não há ninguém além de você mesma que possa te dizer qual o caminho, qual a decisão a ser tomada. Talvez seja solitário demais, porque é só você que sabe suas questões, elas podem até se assemelhar com as de um colega de trabalho, mas nunca serão exatamente as mesmas. E é essa solidude que deixa um vazio e a dúvida maior: será que essa profissão é para mim?

De acordo com Tardif (2014) os saberes docentes não são definidos e acabados, eles acontecem de forma processual ao longo da carreira docente. À medida que o professor vai exercendo a profissão vai adquirindo gradativamente tais saberes, aprendendo a ter domínio do ambiente, das habilidades, dos saberes que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, ele diz sobre não esquecermos da “natureza social” do ser e fazer docente, mas sem também ignorar a “construção concreta” da formação docente, mais técnica e igualmente relevante e importante.

Neste sentido, devemos considerar os saberes completos e complexos da docência. Não limitando a nenhum extremo, nem percebendo-o com a base no “mentalismo” como denomina Tardif (2014), que segundo ele “consiste em reduzir o saber, exclusiva ou principalmente, a processos mentais (representações, crenças, imagens, processamento de informações, esquemas, etc.) cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos”. Tampouco, percebê-lo com base no que ele considera de “sociologismo” em que “tende eliminar totalmente a contribuição dos atores na construção concreta do saber, tratando-o como uma produção social em si mesmo e por si mesmo, [...] em que priva os atores de toda e qualquer capacidade de conhecimento e de transformação de sua própria situação e ação”.

Quando eu iniciei a carreira docente não tinha consciência desses múltiplos saberes da docência e não me passava pela cabeça o quanto a prática iria ser fundamental no meu processo de formação. Já cheguei na sala de aula me imaginando estar pronta para lidar com os desafios, afinal, foram quatro anos me dedicando na formação inicial, com bons aproveitamentos nas disciplinas, muito interesse nas disciplinas de educação, experiência nos estágios supervisionados e nos projetos desenvolvidos no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). E, ainda assim, senti esse peso das inseguranças, das angústias e dúvidas na experiência em sala de aula, como relatado no diário. Foi realmente um momento de muita tensão e sem saber como administrar tantas emoções e pensamentos.

Dentre os saberes docentes categorizados por Tardif (2014) destaco os saberes experienciais ou práticos que adquirimos na prática cotidiana do exercício profissional da docência:

“No exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. Ora, lidar com condicionantes e situações é formador: somente isso permite ao docente desenvolver os habitus (isto é, certas disposições adquiridas na e pela prática real), que lhe permitirão justamente enfrentar os condicionantes e imponderáveis da profissão.” (TARDIF, 2014, p.49)

Por mais que eu soubesse que a prática era importante para me sentir melhor, mais eficiente, confiante na profissão, porque assim o é em qualquer que seja a profissão e atividade que desempenhemos, eu não imaginava o peso disso no exercício, dos desafios do cotidiano. E quando relatei essa experiência nos primeiros meses de início à docência, as angústias eram tão grandes, que eu buscava uma forma de tentar minimizá-las. Hoje, com o conhecimento adquirido através dos referenciais estudados no desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, e com os saberes adquiridos na prática, gostaria de abraçar e acolher aquela Amanda do final de 2022, dizer que faz parte do processo e que é mais normal do que ela pensa viver isso no início da carreira. Mas dizer que é normal, não significa que não poderia ter sido menos sacrificante, caso ela tivesse acesso a ferramentas que hoje penso ser importante para esse olhar aos docentes iniciantes, tais como: abordar mais sobre esses desafios nas formações inicial e continuada, rede de apoio neste momento, leituras de outros relatos como este, trocas de experiência, entre outras formas de passar por esse processo de uma maneira mais “amortecida”.



2.

É mais sobre mim



18.10.2022



É mais sobre mim

18.10.2022

Ontem estava fazendo as provas do 3º trimestre e algo me incomodou. Eu estava formulando todas as questões das provas. Nenhuma outra questão pronta me agradava. O motivo? Eu sempre via defeitos. E a grande parte dos defeitos era: será que eu ensinei isso para eles conseguirem acertar a questão? E foi aí que encontrei um grande problema. Na verdade um que eu já sei o quanto faz parte de mim e me prejudica em sala de aula e em outros âmbitos da vida. A necessidade do controle.

Eu preciso fechar todas as possibilidades, ter o controle de que cada detalhe de cada questão foi dito, ensinado, repetido o suficiente para que eu não seja injusta com nenhum aluno. Mas quanto isso é benéfico a eles ? O quanto isso é saudável pra mim? O quanto isso traz desdobramentos sobre minha prática? Foi então que outras fichas caíram. Minha forma de planejar as aulas é muito sobre mim e essa necessidade de querer que eles aprendam cada detalhe. Meus quadros são sempre pensados de forma a cumprir o que a apostila oferece e não quero deixar passar nada e quando deixo me culpo e me preocupo.

Essa é a “Amanda estudante” que ainda não entendeu que para ser uma professora melhor eu preciso soltar. Muito do processo educativo depende de mim, mas com certeza o papel do aluno também é essencial. Ele precisa filtrar, fixar, querer, entender, explorar. Eu estou ali como mediadora e quanto menos travada estiver, mais poderei mostrar os conteúdos com leveza e maior amplitude, podendo alcançar mais possibilidades.

Sobre as questões de provas, refleti que preciso sim optar por questões que às vezes não abordam tão diretamente o que eu ensinei, pois isso irá desenvolver inúmeras habilidades nos meus alunos. A base foi dada, mas preciso acreditar no potencial deles de alçar novos voos. De irem além daquilo que está escrito no quadro. De aplicarem o conceito em questões de interpretação de texto, de situações do cotidiano, entre outras muitas possibilidades.

O mesmo vale para meus métodos de ensino. Ainda me sinto presa na forma que eu fui ensinada, na forma que eu gosto de estudar. Preciso soltar também essa necessidade excessiva de querer que eles tenham tudo escrito no caderno. Talvez um vídeo explicativo ou uma dinâmica em grupo vai atingir um resultado ainda maior do que a matéria copiada, porque não? Na licenciatura, no mestrado, na teoria isso pra mim era tão óbvio. Mas na prática tenho percebido o quanto é difícil romper com esses padrões que são totalmente meus e da forma que eu estudei, e me abrir a essas possibilidades.



Pegar mais leve



19.10.2022



Pegar mais leve

19.10.2022

Também fazendo as questões de provas percebi como eu fico presa nas apostilas, sendo que não há essa rigidez por parte da escola. Eu não preciso me cobrar dar cada detalhe da apostila e com isso me pressionar e consequentemente pressionar os alunos, querendo foco total grande parte do tempo. Eu preciso sim ser fiel aos conteúdos, me preocupar em dar os conceitos fundamentais, mas posso ter a liberdade de usar diferentes recursos e focar no que eu acho mais importante. Ter isso em mente acho que vai me ajudar muito a ser mais leve comigo mesma e consequentemente com a docência.

Outra reflexão que tive hoje foi sobre o 9º ano, que inclusive preciso escrever um relato sobre tudo que aconteceu com essa turma. Mas hoje, tenho refletido muito o porquê perder o controle é um gatilho emocional para mim. E eu percebi que durante a minha adolescência tudo que eu podia controlar era o meu estudo, minha dedicação, levar muito a sério a escola. Ver os alunos não fazendo isso e eu não conseguindo controlá-los para isso pode ser um gatilho de fracasso pra mim.

Preciso me atentar a isso e cuidar bem disso. Mais uma vez percebo como que a minha própria história e tudo que ela traz, suas alegrias e suas dores, diz muito sobre meu ser e fazer docentes. E olhar para isso com atenção e afeto faz parte do processo de me conhecer, me reconhecer e me desenvolver como professora e como pessoa.

“Tal como Marx já havia enunciado, toda práxis social é, de uma certa maneira, um trabalho cujo processo de realização desencadeia uma transformação real no trabalhador. Trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto ou situação numa outra coisa, é também transformar a si mesmo no e pelo trabalho (DUBAR, 1992; 1994)[1] . Em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo. Como lembra Schwartz (1997:7[2]), a experiência viva do trabalho ocasiona sempre “um ‘drama do uso de si mesmo’, uma problemática negociação entre o uso de si por si mesmo e o uso de si pelo(s) outro(s)”.” (TARDIF; 2014, p.56)

Perceber o trabalho como parte formadora de quem eu sou como pessoa e também como profissional sempre fez parte da minha consciência. Percebo que nunca me encontrei como uma profissional que segue cegamente a lógica capitalista de trabalhar apenas e somente para ter o retorno financeiro e alimentar a ordem de trabalhar para receber e consumir. O trabalho pra mim, obviamente tem seu espaço e necessidade financeira, mas sempre foi para além disso, sempre tive a necessidade de pensar na diferença do meu exercício e a entrega para isso sempre me levou para esse caminho da reflexão, da auto reflexão, das tomadas de consciência, busca por melhorias, aprendizados e formações.

Neste momento, preciso reconhecer meus privilégios sociais e econômicos que contribuem para essa percepção do trabalho, sabendo que muitos não conseguem nem mesmo alcançar essa percepção dada a necessidade extrema de exercer a profissão em busca do básico para a sobrevivência. Entretanto, por outro lado, percebo que muitos, mesmo não estando em necessidades extremas, também exercem o trabalho de forma alienante. Acredito que ter essa percepção do quanto o trabalho modifica o ser é fundamental para o desenvolvimento da carreira docente e traz desdobramentos importantes no processo, como a prática da auto reflexão e busca de autoconhecimento, de reconhecer erros e acertos, de pensar e repensar as rotas, de buscar ajuda e também ajudar os pares.

Compreender que o ser e fazer docentes são transitórios e estão em constante processo de construção e reconstrução, isso oportuniza estarmos em constante transformação e formação. Além disso, compreender que o que somos e fazemos em sala de aula ultrapassa os limites do que aprendemos nas formações inicial e continuada. Retornar para parte da nossa história pessoal, familiar e também para nossas vivências enquanto ainda estudantes, é uma valiosa forma de identificarmos pontos de melhoria, compreensão das possíveis dificuldades de manejo no exercício da profissão, porque, afinal, está tudo conectado, dado o caráter humano, social e afetivo da docência.

Tardif (2014) aborda a relação no trecho a seguir:

“Ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam em grande parte de concepções do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar.” (TARDIF, 2014, p.72)

Neste início da docência, foi essencial para mim buscar em minha história, em minhas vivências anteriores, como aluna também e a minha relação com o objeto de estudo, para identificar alguns padrões que estava mantendo como professora, as minhas expectativas nos alunos, e isso me oportunizou nomear sentimentos, compreender emoções e também pensar em soluções, novas estratégias e ferramentas, em busca de uma docência mais condizente com o que eu acredito e também mais saudável e em equilíbrio.



Simplesmente SER



21.10.2022



Simplemente SER

21.10.2022

Ensinar é sobre ser quem você é. Ensinar crianças e adolescentes é estar disposto a conviver com a espontaneidade deles e aceitar a sua própria. E isso é desconfortável pra mim. Estar em sala de aula é renascer, é descobrir seu “eu profissional”. Mas como nascer um novo “eu” sem antes entender o antigo? Ali não tem como eu ficar despercebida, ficar quieta, introspectiva, na minha zona de conforto. Eu preciso ser. Eles aguardam por isso. Pedem por isso. Se eu apresentar bloqueios em não poder expressar meu eu, vou ter dificuldades para exercer a docência, para me aproximar dos alunos.

Quantos desafios tenho encontrado em simplesmente ser. Como vejo que isso está relacionado com a minha história de vida. Quais são minhas travas e porque elas existem? Descobrir e lidar com isso é difícil e incômodo. Mas eu não tenho visto outro caminho. E quando eu percebo o motivo por trás de algo, me questiono, revisito meu passado, tento compreender e por vezes é um processo doloroso, mas por fim faz sentido. Tenho percebido uma dificuldade muito grande de aproximar mais dos alunos, no sentido de conseguir ter mais conversas informais com eles, adentrar no mundo deles. Sair um pouco do meu mundo adulto e me divertir um pouco com o mundo deles, de forma mais leve e descontraída. Ouvir as histórias deles sem pensar que eu preciso alertá-los ou protegê-los de algo.

Quando percebi tudo isso, precisei buscar em mim o porquê disso, porque eu simplesmente não consigo tirar esse bloqueio e adentrar no mundo deles. Revisitei minha história, meu jeito de ser e estar no mundo, meus padrões. Desconstruir essa necessidade de controle, proteção, prevenção, responsabilidade para simplesmente ser um pouco criança e adolescente junto com eles é estranho, parece até ser novo. Percebo a minha dificuldade em ser mais espontânea. Mas sinto essa barreira, trouxe em consciência o possível motivo dela, mas será que consigo de fato rompê-la? Sei que preciso, mas também sei que não é uma solução simples e direta, envolve uma trajetória, meus padrões e meu autoconhecimento. Apesar de me parecer difícil de solucionar, o que me conforta é saber que o mais importante já tem sido feito: as reflexões, o autoconhecimento e a busca da tomada de consciência. Agora é caminhar, aceitar o processo e me propor as mudanças, respeitando meu tempo e também e a minha essência.



Onde está a minha autenticidade?



26.10.2022



Onde está a minha autenticidade?

26.10.2022

Ontem tive mais problemas com o 9º ano. Retirei três alunas de sala de aula porque elas nitidamente não estavam a fim de aula e empenharam-se em tumultuar. Ao finalizar a aula fui à Direção conversar. E como sempre, o aluno não reconhece seus erros, pelo contrário, procura motivos para se justificar. Isso já não é novidade para mim e acredito que faça parte da idade e do processo de formação deles. O que mais me chama atenção são os pontos que me fazem refletir sobre mim mesma.

Uma das alunas citou: "*você não gosta da gente*" e isso de novo me doeu (não é a primeira vez que escuto isso de uma aluna desta turma). Eu não quero que eles sintam isso, mas ao mesmo tempo, é a turma mais conflituosa para mim. Até hoje não consegui encontrar uma via para me aproximar de verdade deles. Aliás, eu tinha encontrado essa via. Mas me perdi dela, me fechei pra eles depois de um episódio (que contarei depois).

Além disso, o professor de ciências anterior (que é atual vice-diretor) também estava nessa conversa e em algum momento ele disse pra essa estudante: "*não é porque chamamos atenção, que não gostamos. Lembra como eu "te enchia o saco"? Brincava muito com você? Por que? Porque você não prestava atenção.*" Aquilo me despertou para uma reflexão que tem batido muito em minha porta: eu preciso construir uma Amanda professora que cative e se aproxime dos alunos. E principalmente nas turmas do Fundamental, sinto que não consigo ter a espontaneidade e autenticidade necessárias para isso.

Me sinto mais séria, mais fechada, com mais receios com as turmas do Fundamental. E consigo perceber e identificar que preciso melhorar nesse ponto. Mas como? Não existe uma receita. Cada professor tem sua forma de se expressar, de ser ele mesmo e de se conectar com os alunos. Qual é a minha? Não sei. Com o Fundamental, não sei. Não vejo motivos para eles me acharem legal, eu só foco na matéria, não encontro vias para a minha autenticidade. Já no Ensino Médio eu consegui essa via, eles mesmos me ajudaram a construir. Me sinto mais eu, mais à vontade, para além da seriedade e foco no conteúdo.

Tardif (2014) nos sinaliza que:

“De acordo com nossas análises, é impossível compreender a questão da identidade dos professores sem inseri-la imediatamente na história dos próprios atores, de suas ações, projetos e desenvolvimento profissional. Nossas análises indicam que a socialização e a carreira dos professores não são somente o desenrolar de uma série de acontecimentos objetivos. Ao contrário, sua trajetória social e profissional ocasiona-lhes custos existenciais (formação profissional, inserção na profissão, choque com a realidade, aprendizagem na prática, descoberta de seus limites, negociação com os outros, etc.) e é graças aos seus recursos pessoais que podem encarar esses custos e assumi-los. Ora, é claro que esse processo modela a identidade pessoal e profissional deles, e é vivendo-o por dentro, por assim dizer, que podem tornar-se professores e considerar-se como tais aos seus próprios olhos.” (TARDIF, 2014, p. 104).

Acreditamos que a construção da identidade profissional do professor não se baseia apenas em conhecimentos objetivos, pelo contrário, há parte importante nos confrontos e processos diários, que se apresentam na prática. A socialização na carreira docente ocupa, portanto, um papel muito importante para a formação do professor, que aprende a administrar as descobertas na prática, ao mesmo tempo em que vai se construindo, aprendendo, se conhecendo e se reconhecendo enquanto professor.

Além disso, segundo Tardif (2014, p.84), os autores (HUBERMAN, 1989; VONK, 1988; VONK & SCHRAS, 1987; GRIFFIN, 1985; FEIMAN-NEMSER & REMILLARD, 1996; RYAN et al., 1980) apontam que os cinco ou sete primeiros anos da carreira representam um período crítico de aprendizagem intensa da profissão, período esse que suscita expectativas e sentimentos fortes, e às vezes contraditórios, nos novos professores. Portanto, os primeiros anos da docência revelam grandes conflitos, uma vez que estamos descobrindo muitas e novas informações, ao mesmo tempo em que estamos lidando com nossas expectativas, frustrações, descobertas sobre si mesmo, sobre os alunos, direção e coordenação, sobre seus pares e todas as respectivas camadas existentes nessas relações. Sendo este envolvimento social e emocional parte importante da carreira docente, sobretudo nos anos iniciais.

Assim sendo, apesar da importância dos saberes provenientes da formação profissional, dos programas e livros didáticos, há saberes da docência que advêm dos seus saberes pessoais e de suas experiências na profissão, na sala de aula e na escola. Sendo estas fontes também fundamentais para a formação do professor, segundo Tardif (2014):

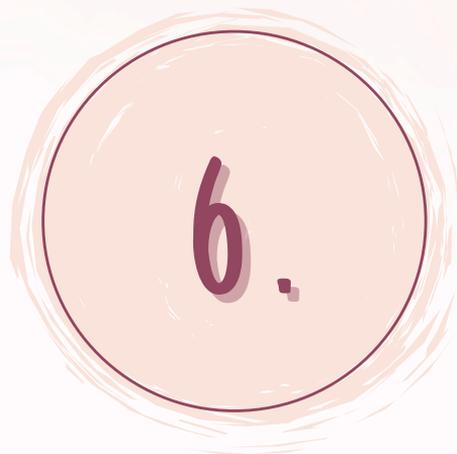
A identidade profissional vai sendo pouco a pouco construída e experimentada e onde entram em jogo elementos emocionais, relacionais e simbólicos que permitem que um indivíduo se considere e viva como um professor e assuma, assim, subjetivamente e objetivamente, o fato de fazer carreira no magistério (TARDIF, 2014, p. 108).

Ainda a respeito da formação da identidade profissional, do que Tardif (2014) denomina de “eu profissional”, ele diz:

É apenas ao cabo de um certo tempo - tempo da vida profissional, tempo da carreira - que o eu pessoal vai se transformando pouco a pouco, em contato com o universo do trabalho, e se torna um Eu profissional. A própria noção de experiência, que está no cerne do eu profissional dos professores e de sua representação do saber ensinar, remete ao tempo, concebido como um processo de aquisição de um certo domínio do trabalho e de um certo conhecimento de si mesmo (TARDIF, 2014, p. 108).

O tempo de carreira então, é uma questão muito importante no ser e fazer docentes e perceber os avanços é muito importante, principalmente para os iniciantes na carreira docente. A minha experiência narrada acima foi de uma fase muito inicial, em que eu de fato sentia muitas coisas simultâneas e, além disso, precisava lidar também com todas as informações mais objetivas e burocráticas das salas de aula e escola. Neste momento, eu realmente me sentia perdida, não entendia onde, como e quando encontrar soluções para as minhas questões.

Hoje, em novembro de 2024, relendo os relatos, juntamente com os estudos dos referenciais teóricos, percebo que muitas das minhas angústias e aflições eram porque eu não tinha consciência e nem me sentia realmente amparada para confiar no processo, no tempo, e entender que aos poucos eu iria conseguir construir um “*eu profissional*”; e que não havia de fato nenhuma receita ou fórmula a ser seguida. O caminho era me entregar aos processos, continuar em busca do autoconhecimento, das reflexões acerca dos acontecimentos em sala de aula, das trocas com os pares e também me dedicando a minha formação continuada (mestrado profissional do PEQui- UFRJ), que tanto me deu espaço para estas descobertas, tal como esta escrita.



Desafios com o 9^o ano

.....
20.11.2022



Desafios com o 9º ano

20.11.2022

Como já mencionado em alguns textos, a turma do 9º ano é a que estou tendo maiores dificuldades para trabalhar desde o início. E muitas coisas já aconteceram até aqui, muitos altos e baixos, muitas reflexões. Vou contar sobre o último acontecimento. As provas da escola acabaram, as notas já foram entregues, mas ainda tem aulas. Nesse contexto, muitos alunos já não querem mais participar das atividades e isso tem sido contraditório pra mim, porque por um lado entendo completamente os alunos e eu também estou bem cansada para planejar e ministrar aulas.

Mas, por outro lado, as aulas precisam continuar para cumprirmos o calendário escolar e manter os alunos sob determinada ordem tem sido bem complicado. Então, na última aula com a turma do 9º ano eu havia planejado fazer o que estava fazendo com as demais turmas, deixá-los mais livres de certa forma, enquanto eu chamava um por um para ver as notas trimestrais e anuais. Mas, ao tentar acessar essas notas percebi que estava sem internet e desconfiei que eles mesmos haviam tirado a internet, perguntei a vários alunos e eles disseram estar sem internet mesmo.

Então eu fui para o plano B, que era terminar de corrigir as questões da prova, principalmente para aqueles alunos de recuperação. Quando eles perceberam que seria isso ou mostrar as notas, uma aluna conectou o cabo da internet no computador, ou seja, eram eles mesmos que estavam tentando sabotar a aula com o cabo de internet. Sendo assim, voltei ao plano A. Mas eles não estavam contribuindo, chamei atenção umas 4 vezes e mesmo assim eles estavam passando dos limites.

Então eu decidi colocar ordem na turma e terminar a correção da prova. Mas, eles não deixaram. Começaram a jogar bolinhas de papel, pedaços de borrachas uns nos outros, sempre que eu virava para o quadro. Mandeí 3 alunos para fora da sala de aula, um por vez. Mas mesmo assim, continuavam e os demais rindo. Até que... cheguei no meu limite. Peguei minhas coisas e saí da sala. Com isso, escutei a turma comemorando. Fui na coordenação e relatei o ocorrido. Fiquei na sala dos professores e ali eu desabei, comecei a chorar e a me questionar se estou na profissão certa.

Naquele momento pra mim não tinha mais solução, não sei mais o que fazer com essa turma. Não sei mais como criar uma conexão com eles e ser respeitada. O vice-diretor foi falar com a turma e depois conversou comigo, se mostrando sempre atento e disposto em me ajudar a mediar esses conflitos. Um dos meus colegas me sugeriu que a partir da próxima aula eu ficasse com os papéis de advertência para eu mesma dar as advertências. Fui embora me sentindo muito mal, sem saber o que mais fazer. Deste dia até hoje, penso o que fazer, onde errei, o que mais eu posso tentar, quais meus limites, me culpo muito e ao mesmo tempo me pergunto se serei capaz de reverter toda situação. Já pensei em mil soluções, mas ao mesmo tempo já problematizei cada uma delas.



Dinâmica 9º ano



14.12.2022



Dinâmica 9º ano

14.12.2022

Só hoje estou conseguindo escrever sobre o desfecho da história do 9º ano. Depois de toda a situação me vi sem outra alternativa a não ser sentar com eles em uma roda de conversa e propor uma conversa sincera. Mas eu sabia que pra isso precisaria estar disposta a ficar vulnerável, escutar críticas deles. Nunca lidei muito bem com críticas, muito de um lugar de perfeccionismo e de querer acertar sempre, então sabia que abrindo este espaço, através desta dinâmica, eu precisaria estar disposta a sair desta minha zona de conforto.

Então, respirei fundo e encarei o fato de que sim, precisaria ficar na frente da turma disposta a escutar tudo que eles teriam a dizer sobre mim e sobre meu trabalho. Foi o dia mais difícil pra mim até então na docência. Meu estômago revirou ao chegar na escola, ao entrar na sala tentei manter a calma, mas por dentro o coração batia muito forte e minhas mãos estavam trêmulas. Fiz então uma roda com eles e disse que precisávamos de uma conversa e antes de falar qualquer coisa, eu gostaria de ouvi-los. De entender a versão deles, o porquê eles achavam que chegamos naquele ponto.

Meio acanhados e desconfiados, eu fui encorajando, abrindo espaço, dizendo que gostaria de sinceridade, mas com respeito. Que seria bom pra mim saber a percepção deles e que depois eu também falaria a minha. Eles então começaram a falar e pra minha surpresa, ouvi muitas coisas que não estavam no meu radar até então. Depois falei um pouco sobre como me senti e também o porquê achava que as coisas estavam assim.

A seguir entreguei uma folha para cada um e pedi que a dividissem em 4 quadrantes, na primeira parte era para eles escreverem os pontos bons da turma do 9º ano, na segunda os pontos de melhoria do 9º ano, na terceira os pontos bons da professora Amanda e no quarto os pontos de melhoria da professora Amanda. Também pedi que colocassem os nomes nas folhas e que poderiam ser sinceros, desde que respeitosos. Queria também com essa atividade ver a percepção individual deles e também provocar a autorreflexão do comportamento deles como turma.

Não consegui chegar em casa, li na hora do intervalo mesmo. Também me surpreendi muito positivamente, com a percepção deles de aspectos bons em mim e no meu trabalho, que eu nem imaginava que eles pensavam. Também consegui perceber mais claramente meus erros e percebi que eu poderia sim escolher outros caminhos e melhorar minha relação com eles. Vi uma luz imensa no fim do túnel e isso me trouxe tanto alívio e alegria que pensei: porque demorei tanto tempo pra fazer isso? Era medo. Medo de me expor. Medo de ser vulnerável. Medo de não saber reagir e lidar com as críticas. Medo de não conhecer quais seriam essas críticas. Mas foi tudo ao contrário, essa posição só me trouxe benefícios. Foi topando me expor, sendo vulnerável (mas claro que com uma margem de segurança, sabendo o momento e como fazer isso), mesmo com medo, que eu consegui visualizar melhor os problemas e então ter um direcionamento para lidar de maneira efetiva com a turma mais conflituosa para mim.

Antes dessa atividade eu me sentia sem mais ferramentas para lidar e estava prestes a desistir de me conectar com eles. Sendo assim, ficou muito nítido para mim a importância de ter me desarmado, de ter dado a oportunidade ao diálogo, de escuta ativa e também de falar sobre mim e meus sentimentos. Foi essa a grande virada! A conexão aconteceu na vulnerabilidade. Foi nesse momento que a afetividade começou a ser vista e desenvolvida com esta turma.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdades ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar *a ele*. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala *com ele* como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com ele* (FREIRE, 2018, p.111).

Freire (2018) nos sinaliza que o educador que trabalha em prol da emancipação dos sujeitos deve estar disposto a aprender a escutar os alunos, não apenas no sentido fisiológico, mas na capacidade de compreender que escutá-los de fato é colocar-se em uma posição de respeito, de democracia, de acolhimento, por mais que haja discordâncias. E foi exatamente no momento em que me coloquei à disposição para de fato escutar os alunos, que eu consegui perceber verdadeiramente o que precisava para melhorar meu trabalho e minha relação com esta turma.

Até então eu os escutava no sentido fisiológico da palavra, estava em sala de aula, ouvia suas bagunças e provocações, mas não os escutava no sentido de demonstrar que eles poderiam dizer o que fosse preciso, democrática e respeitosamente. A partir do momento que eu oportunizei esse espaço, esse momento da escuta que Freire nos traz, foi uma transformação muito grande, em tantos sentidos. Eu pude compreendê-los melhor, pude perceber que não se tratava de questões pessoais como eu estava sentindo, que havia questões da minha prática docente que precisavam ser alteradas.

Se eu não tivesse percorrido esse caminho da escuta, possivelmente eu teria que atuar como foi sugerido: com as folhas de advertência em mãos. Mas eu já sabia que esta não seria uma opção de trabalho para mim, afinal não é essa a educação que eu preconizo. Freire (2018) aborda que é justamente este o poder da escuta para um educador, aprender a lição de não falar de cima para baixo, como se sua fala fosse a verdade absoluta, mas sim de compreender que mesmo discordando é preciso falar *com* os alunos e não *para* eles.

Portanto, esta dinâmica foi um divisor de águas na minha relação com essa turma e também na minha experiência em sala de aula. Entendi justamente o papel primordial em estarmos de fato na escuta dos nossos alunos. Até então eu tinha as minhas impressões, sentimentos e certezas sobre a turma, achava que estava entendendo os motivos pelos quais eles não estavam dispostos a contribuir com minhas aulas e ao mesmo tempo não via mais soluções, o que mais eu poderia fazer para me aproximar deles. E foi através desta dinâmica que eu pude “abaixar a guarda”, pude me mostrar vulnerável a eles e principalmente, mostrei estar aberta a de fato escutá-los. E isso transformou tudo, porque além deles se sentirem mais próximos de mim e eu deles, eu pude perceber coisas sobre mim, sobre minhas aulas, que eu poderia sim mudar para ajustar o que precisava e fazê-los ficar mais interessados nas aulas.



O período de férias e suas mudanças



25.02.2023



O período de férias e suas mudanças

25.02.2023

Muitas coisas aconteceram até aqui. A vida pessoal trouxe significativas mudanças juntamente com todas as emoções de fechar um ano letivo. Descobri que estava grávida no dia 23.11.23, bem no auge das provas finais, fechamento de diários, preparação para formatura do 3º ano, feedback da escola. E ainda estava com a qualificação do mestrado já marcada, para o dia 21.12.23. Em meio a tantos acontecimentos e emoções quero neste texto falar sobre a volta às aulas.

Nas férias tive muitas reflexões e parece que, de alguma forma, eu consegui reunir alguns pontos pelos quais me comprometi comigo mesma a mudar para este novo ano letivo. As experiências do ano passado (em que me sentia trocando os pneus do carro em movimento), a reunião de feedback da escola e o tempo de férias, foram as grandes contribuições para eu chegar até esse ponto. Me propus a duas mudanças principais para minha docência: (1) encarar a sala de aula com mais leveza e autenticidade; (2) propor metodologias mais diversificadas.

Acredito que esses dois pontos convergem para várias de minhas observações, dentre elas, fui me dando conta de como eu pegava pesado comigo mesma e como isso refletia diretamente na minha aula e na minha relação com os alunos. Meu foco, minha preocupação maior, era se eu estaria com o conteúdo bem afiado para dar as aulas e se eu conseguiria cumprir as metas (estabelecidas por mim mesma) com aqueles conteúdos. Isso me fez me perder do principal: a conexão com os meus alunos. Entendendo melhor o contexto da minha escola e olhando de forma mais profunda e sensível para meus alunos fui me dando conta de que sim, o conteúdo é essencial, mas ele só será bem desenvolvido se eu conseguir entender, conhecer de verdade e me conectar com os meus alunos, que são crianças e adolescentes.

Acho que no ano passado (2022) eu foquei tanto em mim e nas minhas inseguranças que me esqueci disso, que eu trabalho com um público que não tem a mesma maturidade e nem exigência que eu, que eu não posso falar e me comportar de "igual pra igual".

Eu preciso entrar no universo deles, pensar o que é interessante pra eles, adaptar aquilo que eu acho importante pra realidade deles, descobrir formas de despertar o interesse deles. Pronto. E assim fiz e tenho feito. E que alívio, como tem sido mais leve e empolgante entrar em sala de aula me esforçando pra ver as coisas com a perspectiva deles, tenho feito o exercício de às vezes sair do meu papel "adulta"/"professora" e pensar: "o que e como eu gostaria de ver, ouvir e aprender sobre esse conteúdo se eu fosse da idade deles?".

Sigo estudando, me dedicando muito no aprofundamento dos conteúdos, mas minha prioridade é como transformar todo esse conhecimento em uma forma acessível e interessante para os meus alunos, dentro do contexto deles. Além disso, citei também sobre minha necessidade de trazer mais autenticidade para a sala de aula, comecei a refletir como eu me travei no ano passado, acho que por ser muito cuidadosa e ter medo da exposição acabei indo para um outro extremo, o de não me permitir ser uma *Amanda-pessoa*, para além de *Amanda-professora*.

Hoje percebo que é importante manter o profissionalismo, delimitar para os alunos até que ponto é aceitável eles acessarem a *Amanda-pessoa*, mas também é muito importante mostrar para eles outra parte de mim além daquela imagem de professora, que ensina, que tem um estereótipo, que está distante da realidade deles. Ainda tenho muito a evoluir nesse aspecto, pois além do meu medo de abrir "muito espaço" para eles, percebo também o quanto sou reservada na minha vida pessoal, não gosto de ficar me expondo e me abrindo. Aprender a organizar isso dentro de mim e equilibrar isso na docência tem sido desafiador, mas estou muito feliz de perceber minha consciência a respeito e a evolução.

Ainda há muito o que evoluir, mas sinto estar no bom caminho. O que tem me ajudado muito nesse ponto é a gravidez, desde que contei a novidade, os alunos amaram e se interessam muito pelo assunto, então tem sido algo importante e pessoal para dividir com eles, mostrando uma Amanda para além da professora. Mas, claro que eu busco também estar sempre reflexiva sobre aquilo que acho que devo compartilhar e até que ponto é o que faz parte de algo mais íntimo. Até o momento acredito estar dentro do que considero um equilíbrio e tem sido muito gostoso receber o carinho, preocupação e sentir a proximidade maior deles.



Chá revelação com experimento Químico

.....
10.03.2023



Chá revelação com experimento Químico

10.03.2023

Hoje eu fiz a revelação do sexo do bebê na escola através do experimento de indicador ácido e base com o repolho roxo, vinagre e bicarbonato de sódio. Minha ideia era fazer a atividade com a turma de investigação científica (itinerário) já que com eles tenho o planejamento de fazer diferentes experimentos no laboratório. São os alunos do antigo 9º ano (que tanto me trouxe desafios no ano passado). Também achei que seria uma forma de me aproximar mais deles no início deste ano. Mas, todas as outras turmas também estavam curiosas e ansiosas para saber o sexo do bebê e queriam ver a revelação pelo experimento.

Então, em conversa com a direção da escola, decidi fazer o experimento com a revelação no auditório e convidar todas as turmas e professores. Fizemos hoje durante o horário de almoço e que emoção!! Nem eu imaginava que teria tanto envolvimento e amor dos alunos. Tenho a gravação do vídeo e a reação deles parecia uma comemoração de gol na final da copa do mundo! Durante todo o dia eles se envolveram, perguntaram, arriscaram palpites, me abraçaram. Cheguei em casa repleta de amor e muito reflexiva, pensando nos caminhos que percorri até aqui.

Ano passado tive inúmeros desafios e por vezes cheguei a entrar na escola com um sentimento muito ruim de não ser aceita ou dos alunos não gostarem ou se sentirem confortáveis com a minha presença. Isso me incomodava muito, me causava uma crise muito grande sobre a docência, me questionava se “era mesmo para mim”. Me dava muita aflição não conseguir naquela época traçar um plano de ação para reverter a situação, questionava meu jeito de ser e ficava me comparando a outros professores que tinham uma relação próxima com os alunos, me perguntava o que eles tinham que eu não tinha e se eu um dia eu teria a capacidade de ser assim ou me desenvolver para ser assim.

Por um lado isso foi bom, porque me fez focar em soluções, mas por outro me fez muito mal, porque me fez pensar muito em talvez ser coisas que eu Amanda não sou, esse caminho da comparação pode ser cruel sob essa perspectiva, porque a gente pode se esquecer de respeitar a própria individualidade. Minha estratégia foi a resiliência e focar nas ferramentas que eu poderia usar pra ser uma professora melhor, mas sendo eu mesma. Voltei esse ano grávida e com outras inseguranças e medos, sobre viver tudo na docência com os hormônios e desafios da gestação. Mas, hoje o amor e o carinho dos alunos e toda a equipe da escola concretizaram segurança e paz em meu coração. Jamais esquecerei o dia de hoje, ele me mostrou o quanto não se trata apenas de química, é muito além. Me mostrou que continuar exercendo meu papel com dedicação, boas intenções, persistência e amor, em algum momento os frutos começaram a aparecer, hoje me senti realmente próxima, amada e aceita pelos alunos, o que no ano passado me parecia inatingível.

De fato, concebida em conexão com a história de vida e com a socialização (pré-profissional e profissional), a carreira revela o caráter subjetivo, experiencial e idiossincrático do saber do professor. Ela permite, ao mesmo tempo, perceber melhor a dimensão historicamente construída dos saberes, do saber-fazer e do saber-ser do professor, na medida em que estes são incorporados às atitudes e comportamentos dele por intermédio de sua socialização profissional. Desse ponto de vista, ela permite fundamentar a prática do professor - o que ele é e faz - em sua história profissional (TARDIF, 2014, p. 81).

Bem como apresentado por Tardif (2014), o caráter histórico na docência é marcado pela compreensão de que o tempo de carreira tem grande influência no desempenho do saber-fazer e do saber-ser. Foram muito perceptíveis as minhas mudanças de um ano letivo para o outro, o tempo que atuei no ano de 2022 foi realmente uma fase de adaptação, de tentar compreender muitas coisas simultaneamente: o ambiente escolar, as relações estabelecidas, tentar me entender nesse papel de professora, cumprir os prazos, estudar e aprender mais sobre os conteúdos, entre outras questões. Enquanto que o retorno no ano de 2023 eu já estava me sentindo mais confiante, compreendendo mais as dinâmicas em sala de aula, conhecendo melhor o contexto da escola e dos alunos.

“Essa epistemologia corresponde, assim acreditamos, à de um trabalho que tem como objeto o ser humano e cujo processo de realização é fundamentalmente interativo, chamando assim o trabalhador a apresentar-se “pessoalmente” com tudo o que ele é, com sua história e sua personalidade, seus recursos e seus limites.” (TARDIF, 2014, p.111)

Outra significativa mudança foi perceber a importância de me apresentar “pessoalmente” como nesta fala supracitada de Tardif (2014), compreender que o trabalho docente é, acima de tudo, se relacionar com pessoas, foi me fazendo refletir e entender o quanto eu precisava trabalhar comigo mesma minhas questões para que eu pudesse ser mais autêntica e ter menos receios em mostrar para os alunos também outras versões de mim mesma. Um exemplo prático para mim foi perceber a mudança no relacionamento com os alunos, permitindo eles fazerem parte da minha gravidez, que é algo muito pessoal, mas que com sabedoria e cautela eu poderia incluí-los nisso e o quanto isso nos aproximou.

Portanto, ao tentar fugir deste “apresentar-se pessoalmente” e ter o foco apenas e exclusivamente no passar o conteúdo não se aproxima de uma educação democrática, integral e emancipatória. Paulo Freire (2018) diz que “outro saber de que não posso duvidar em momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2018, p. 96). Assim sendo, a partir do momento que eu dialogo com o caráter humano da docência, coloco-me à disposição de estar em constantes mudanças, como docente, como pessoa e também como mediadora (e aprendiz) dos discentes neste eterno processo de desenvolvimento, descobertas e aprendizagens.



Conflitos sobre a gravidez

04.04.2023



Conflito sobre a gravidez

04.04.2023

Recentemente, a turma não estava colaborando para que eu desse a aula naquele dia. O relacionamento com essa turma tem sido bom, mas nesse dia eles estavam mais agitados e não me deixavam dar a aula. Coincidentemente era uma segunda-feira que não estava me sentindo bem, cogitei até não ir para a escola. Pois é, mas eu não contava que seria desafiador o dia, especialmente essa aula. Após tentar por cinco vezes começar a aula que eu havia planejado eu "apelei" para o emocional: "gente, vamos lá, por favor? É segunda-feira, início da semana, sei que estamos cansados e pegando no ritmo ainda, eu estou grávida, estou chamando vocês já pela quinta vez, vamos lá?".

Foi então que um aluno - que eu tenho uma excelente relação - disse: "mas gravidez não é doença". Essa frase dele me trouxe um sentimento de inquietação e logo respondi: "Tem razão, não é doença não, mas a gravidez traz consigo vários sintomas e sensações que não são tão fáceis de lidar, como enjoos, fadiga, dores nas costas, nos pés, sensibilidade, entre tantas outras. E eu apenas citei a gravidez como um dos fatores de vocês me ajudarem, colaborarem para que eu possa finalmente dar a aula que planejei para hoje." E então ele foi ainda mais longe e rebateu: "mas foi a senhora que escolheu engravidar, então não adianta reclamar."

Naquele exato momento uma tranquilidade tomou conta de mim e eu pensei: "ele não está falando isso para me machucar, acho que ele pode estar falando isso por ter vivido ou ainda viver alguma situação contraditória em relação a gestação na família e está trazendo isso à tona, esta é uma oportunidade para eu mostrar outras perspectivas sobre a gravidez". Foi assim que eu consegui administrar esse embate e dar uma resposta com consciência e maturidade, sem me deixar levar pelas "emoções à flor da pele" e sem me sentir atacada. E então eu respondi: "Não estou reclamando da gravidez, acho que você pode ter entendido errado. Eu só apontei a gravidez como um dos fatores de estar precisando e pedindo a colaboração da turma para dar a aula."

Não sei se agi da forma mais correta, não sei se minhas respostas foram as melhores, mas eu me senti muito bem conseguindo não levar para o pessoal, tomar uma certa distância da situação e compreender que meu papel ali não é tomar isso pra mim, é conduzir os diálogos para que eu possa ensinar algo aos alunos com esses embates. Depois desse momento decidi passar exercícios para eles resolverem, entendi que não seria um bom dia para dar a tal aula planejada. O aluno que havia tido esse embate comigo estava com muita dificuldade na resolução dos exercícios, fui até ele e fiz questão de ensinar todos os passos com muita tranquilidade. Foi nítido o quanto ele foi se sentindo bem aprendendo e vendo que ele era capaz de resolver os exercícios.

Essa aula me fez refletir muito sobre como a gente precisa realmente entender que os alunos estão em desenvolvimento, em construção e que muitas vezes, suas falas não dizem sobre nós, mas sim sobre eles próprios e conflitos sobre eles. Não procurei entender se de fato ele já teve ou tem alguma questão relacionada a gestação na família, mas de qualquer forma, foi importante mostrar para ele e para a turma a minha perspectiva. E principalmente, fiquei muito feliz de ter conseguido lidar com toda essa situação dessa maneira, talvez se fosse ano passado eu teria saído de sala desestabilizada.

Outra coisa que observei é a importância de buscar conduzir esses momentos com consciência, nesse caso o mesmo aluno, minutos depois já estava todo feliz e orgulhoso de estar conseguindo fazer o exercício junto comigo. E se eu tivesse brigado com ele? E se eu tivesse levado para o pessoal? Eu acredito que me posicionei, que fui firme e não deixei ele achar que poderia falar daquela forma comigo, mas ao mesmo tempo mantive a calma e não deixei de olhar pra ele como aluno, como ser humano em desenvolvimento. Acho que isso também aumenta o vínculo e a confiança deles, eles perceberem que podemos debater diferentes questões, demonstrar emoções e pensamentos, mas que ainda sim eu serei respeitosa, firme e continuarei sendo próxima a eles e ensinando eles com muita paciência e dedicação.

Relendo este relato eu pude perceber que apenas com as minhas palavras algum leitor pode interpretar que eu deveria ter tomado alguma conduta mais firme e talvez até punitiva, porque as falas do aluno realmente foram duras. Mas eu sei que eu conduzi a situação dessa forma porque eu fiz uma leitura completa, de quem era o aluno, do olhar, do tom de voz e por todo um conjunto de elementos não verbais eu entendi que por mais duras que fossem suas indagações, algo me dizia que não era sobre mim, que ele estava carregando em sua fala alguma reprodução, possivelmente de seu contexto familiar.

Dessa forma, percebi que conduzir com firmeza, mas também sem retribuir palavras duras, seria uma boa oportunidade para demonstrar para ele e para a turma outro olhar sobre a gestação. Como disse no relato, não sei se foi a forma correta ou não, inclusive nem sei se há o certo ou errado para as situações tão particulares que permeiam as relações humanas, mas eu senti que foi um bom caminho, senti que dessa forma estava agindo de maneira coerente com o que acredito e com o que eu priorizo em sala de aula.

Paulo Freire (2018) aborda sobre como o espaço pedagógico é composto por relações vivas e que enquanto docentes precisamos estar em constante leitura e interpretação de vários aspectos, não somente o conteúdo, ele relata:

“Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.” (FREIRE, 2018, p. 95)

Portanto, quando tomamos nossas atitudes precisamos estar atentos nisso, o quanto tudo tem um significado, o silêncio, o tom de voz, a forma como conduzimos cada situação, seja ela harmoniosa ou de conflito. Cada tomada de decisão nossa reflete algo nos alunos. Além disso, Freire (2018) também menciona que “Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE, 2018, p.94).

Neste sentido, diante dos conflitos eu busco manter a calma, respirar fundo e conduzir a situação pautada no respeito, na tranquilidade, no diálogo. Claro que por vezes, nem sempre isso será possível, mas com o tempo fui percebendo que enquanto docente e adulta, eu preciso estar bem e pronta para fazer as mediações e conduções da maneira mais coerente possível com o meu discurso. Se quando há conflitos entre os alunos ou mesmo deles em relação a mim, o que eu mais priorizo é falar com respeito, acalmar os ânimos e dar a oportunidade de escutar o outro, na minha prática eu também preciso demonstrar isso, por mais desafiador que possa ser.



Retorno após a licença maternidade

.....
08.02.2024



Retorno após a licença maternidade

08.02.2024

Estou de volta para a escola, após toda a experiência com a maternidade e vivendo uma mistura de sentimentos. Ao mesmo tempo que enfrento todos os desafios desse momento de adaptação à nova rotina voltando para o trabalho e ficando um tempo longe da neném, também sinto que retornar me trará de volta partes importantes de mim mesma. Nesse momento estamos fazendo a organização pedagógica da escola, escrevendo e revisando os documentos pedagógicos e estou refletindo em como cada ano esse momento é valioso e importante na carreira do docente.

Percebo isso na minha própria experiência, mas também vejo e sinto isso em meus colegas de trabalho, como eles também neste momento repensam suas práticas, compartilham comigo um pouco do que estão planejando fazer de diferente e vê-los nesse processo de autorreflexão e promovendo mudanças é algo realmente inspirador. Agora adentrando melhor sobre a minha autorreflexão, neste ano está ainda mais especial e profunda, porque não estou retornando apenas de uma simples férias, estou retomando após a licença maternidade também, que tanto me transformou.

Sinto que a experiência de me tornar mãe me trouxe novos olhares, novas potencialidades, novas fragilidades também e que tudo isso, de alguma forma, impacta também no meu *eu profissional*. Me sinto agora retornando com um olhar ainda mais amadurecido, com o foco ainda mais em buscar enxergar o mundo sob o olhar das crianças e adolescentes e a partir disso elaborar as minhas práticas. Este é o meu terceiro momento de planejamento letivo desde que entrei na escola e eu sinto que eu já havia feito esse movimento antes, mas agora ele parece estar ainda mais evidente em mim.

Ser mãe me permitiu estar mais nesse processo de transpor o meu olhar e o meu pensar, sempre buscando compreender quais as dores, descobertas e novidades da minha neném que estão promovendo determinados comportamentos. Trazer isso de forma ainda mais intencional para o meu ser e fazer docentes está sendo enriquecedor e empolgante para esse início de ano, uma sensação de que finalmente estou me encontrando mais e melhor.

Pensar nas ementas, nas atividades que quero executar em todas as turmas, sob essa perspectiva de que é preciso dar 2 passos pra trás e primeiro entender quem são meus alunos, qual a realidade deles, quais os gostos e preferências, o que a escola representa para eles, o que a minha disciplina representa, é poder finalmente pensar nas minhas aulas com mais assertividade de uma educação mais possível, mais democrática e dialógica.

Eu sempre soube disso, mas em teoria, na prática eu não conseguia muito bem, mas parece que ao passar do tempo, a cada nova oportunidade de planejamento, mais você conhece a instituição, os seus alunos, os tópicos que verdadeiramente precisam de foco maior e quais as melhores estratégias para atingir o grande objetivo final: aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos (incluindo o social e o emocional).

Outro fator importante que aconteceu que trouxe impactos em tudo isso que estou relatando é o uso da rede social *Instagram*, eu sempre optei por ter uma conta fechada e não aceitar nenhum aluno, muitos deles inclusive me perguntavam a respeito e já me enviaram solicitação de amizade. Eu tomei essa decisão por medo de envolvê-los em minha vida pessoal e o quanto isso poderia gerar consequências negativas. Mas, quando saí para a licença maternidade eu sabia que muitos deles estavam bem envolvidos com a minha gestação e ansiosos para conhecer a minha neném, foi então que eu tomei a decisão de experimentar deixar o instagram aberto.

Até hoje eu acredito que tenha sido uma boa decisão, porque eles conseguiram me conhecer de outras maneiras e seguindo alguns deles também, eu pude conhecê-los bem mais. Acompanhar um pouco de suas vidas para além do ambiente escolar, ver seus hobbies, locais de passeios, familiares e amigos, músicas e vídeos me fez aproximar bem mais do universo deles. Além disso, tive algumas trocas de mensagens, tornando o nosso relacionamento mais próximo e isso com certeza impactou no nosso vínculo e já tem contribuído para esse meu novo olhar na hora da elaboração dos documentos pedagógicos de 2024.

Estou ansiosa e animada para esse reencontro e para mostrar a eles uma nova professora, ainda mais atenta a eles, mais motivada em planejar e executar atividades que os aproximem dos conhecimentos científicos, mais consciente da realidade que eles vivem e buscando cada vez mais compreendê-la e validá-la em minha prática docente.

“Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos.” (TARDIF, 2014, p. 130)

Assim como menciona Tardif (2018) no trecho supracitado, o cunho afetivo e emocional do trabalho docente está intrínseco na prática, conseguir percebê-lo e considerá-lo desde o planejamento das aulas, das ementas, das estratégias de ensino e de avaliação, faz parte de uma docência que busca o desenvolvimento completo dos seres humanos. Dessa forma, a capacidade de se colocar no lugar dos alunos, de perceber suas emoções, suas alegrias, suas motivações, seus temores, é um passo crucial para o processo de ensino e aprendizagem.

Esse movimento de transpor o olhar para os alunos na prática docente é muito importante e impacta todo o processo de ensino e aprendizagem, desde o planejamento pedagógico à avaliação. Considerar este caráter emocional no processo de ensino e aprendizagem contribui para a aproximação dos alunos com os professores e com os objetos de estudo (LEITE, 2012). Além disso, segundo Lewin (1939 apud GALVÃO, 2003) “o clima social em que uma criança vive é, para ela, tão importante quanto o ar que respira”. Portanto, refletir sobre esta atmosfera da sala de aula, em todo o processo de ensino e aprendizagem, está intimamente relacionado em pensar em uma prática mais consciente, que estabelece o sujeito como um ser completo em desenvolvimento.



Uso do celular e fortes emoções



23.04.2024



Uso do celular e fortes emoções

23.04.2024

A nova orientação da coordenação é para encaminhar alunos que não respeitem os limites sobre o uso de celular em sala de aula para que guardem seus aparelhos na direção/coordenação. Na mesma semana vivi situações em duas turmas sobre esse "enfrentamento", com alunos que foram bem reativos e resistentes quanto a essa regra em minhas aulas. Em ambas foram alunos do ensino médio (2º e 3º séries) e em cada turma um aluno.

Essas situações me fizeram refletir sobre duas coisas: (1) a importância do limite e como ele pode ser estabelecido com respeito; (2) investigar o mau comportamento como um pedido de ajuda. A primeira é sobre algo que me acompanha desde o meu primeiro dia de sala de aula, como "me impor", como fazer os alunos seguirem os combinados e regras sem me exaltar, sem seguir o caminho do grito e autoritarismo do qual eu não acredito.

Foi conflitante para mim esse processo porque acho que muitos fatores estão envolvidos nesse ponto. Sou uma professora mulher, jovem, recém formada, o fato de ser de outro estado/outro sotaque (já ouvi muitas vezes que meu jeito de falar transmite muita tranquilidade), e mesmo a minha personalidade mais calma (aos olhos dos estudantes e colegas da profissão). Todos esses fatores me trazem essa questão do limite como algo a ser trabalhado em mim e nas minhas aulas, porque eu nunca perdi de vista a importância de se estabelecer esses contornos em sala de aula para que o aprendizado fosse possível. Mas como estabelecer isso já carregando diferentes estereótipos foi um caminho de erros, acertos, trocas, autoconhecimento e prática.

Entender a importância disso para os alunos e para mim mesma foi uma grande virada, isso me fortaleceu a ser firme, mesmo quando eles se demonstraram insatisfeitos a princípio. E mostrar firmeza e delimitar limites não tem a ver com imposição, agressividade, autoritarismo. Pelo contrário, pra mim tem a ver com respeito, compreensão e confiança.

Percebo o quanto sustentar essa minha forma de lidar com meus limites e regras em sala de aula ensina aos meus alunos sobre o quanto a tranquilidade, respeito, diálogo e firmeza são potentes e caminhos possíveis para se fazer o que é necessário, em um ambiente saudável.

O segundo ponto é que em ambos os casos eu sabia que as reações dos estudantes em questão não eram -apenas- sobre o celular, não eram sobre mim, não eram sobre a minha aula, eram somente sobre eles próprios e o que eles carregavam de emoções no dia. Os celulares, as reações explosivas, os maus comportamentos poderiam até me tirar desse foco, poderiam mexer com meu ego, poderiam me desequilibrar, poderiam me fazer levar para o pessoal e até explodir junto, a impor os limites da forma que eu no fundo não acredito, sei disso porque já percorri por esse caminho, mas ali naquele momento eu percebia que eram comportamentos que no fundo eram pedidos de ajuda.

Em ambos os casos contornei com firmeza, principalmente diante toda a turma, mas conduzi com muito respeito e tranquilidade, sem deixar de ser incisiva na minha decisão e levá-la até o fim gentilmente. E em ambos, após toda a mediação, com a ajuda da coordenação, identificamos que os alunos estavam passando por uma situação conflituosa, um dia muito ruim. Isso confirmou a minha percepção e me fez ter ainda mais confiança nesse caminho que percorro.

Não esqueço da cena em que um dos alunos saiu da sala esbravejando, extremamente irritado e irreconhecível, fechou a porta com força. Esperei um tempo, deixei uma atividade com a turma e ao ir atrás dele, ele veio com a coordenadora, quando olhei pra ele, seus olhos estavam marejando, ele baixou a cabeça e disse "eu não sei o que está acontecendo comigo hoje". Pronto. Foi a brecha que eu precisava. Ali ele desarmou. Ele mesmo se deu conta que não se tratava do celular, da aula, nem de mim. Que ótima oportunidade pra ele conseguir se ver, olhar para suas emoções.

Acolhemos, buscamos entender até onde achávamos possível. Tudo terminou com um pedido de desculpas, um abraço e uma certeza ainda maior em meu coração: esse caminho vale a pena! Talvez se eu tivesse percorrido o caminho da disputa direta, do grito, além de não ter a oportunidade de desenvolvimento do aluno, estaria apenas minando nossa relação e também meu bem-estar no ambiente de trabalho. Alguém precisa assumir o papel do adulto nessa relação, que conduz com tranquilidade, consciência, sabedoria e firmeza. Nem sempre é fácil e simples, mas com conhecimento, auto reflexão e prática torna-se cada vez mais possível.

A leitura das emoções vivenciadas nas salas de aula pode permitir o docente assumir um papel de mediador/facilitador para que o aluno consiga percorrer caminhos para identificar, nomear, organizar suas emoções e com isso, aprender, conhecer e tornar possível o seu desenvolvimento como ser humano. Wallon aborda sobre a coexistência e a relação mútua entre o campo emocional e intelectual, insistindo “na indissociabilidade desses campos funcionais, propondo que é graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso à linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual” (GALVÃO, 2003, p.76).

A compreensão do papel docente mediante as intensas emoções experienciadas pelas crianças e adolescentes é fundamental, uma vez que compreender a importância de uma intervenção cuidadosa, do acolhimento e também direcionamento e reflexão faz parte de uma educação integral. Assim como Galvão (2003) expressa: “atividade situada entre o orgânico e o social, a emoção tem seus efeitos fortemente determinados pela acolhida que lhe é dada. Desde os primórdios até idades mais avançadas, a emoção se nutre do efeito que no outro” (GALVÃO, 2003, p.77).

Nesta situação relatada, por exemplo, caso eu não estivesse mantido a calma e a percepção de que toda aquela manifestação emocional dos estudantes envolvidos tratava-se de algo muito além da situação comigo especificamente que desencadeou tudo, eu poderia ter os afastado de mim, da escola, do conteúdo e até de si mesmos. Abordar com certo distanciamento, respeito e firmeza, me faz proporcionar um ambiente para que eles consigam perceber suas próprias emoções, aprender a dar significados, sentidos e símbolos e, assim, irem se desenvolvendo e se conhecendo.

Galvão (2003) relata a importância de conseguir transpor as manifestações emocionais para ação e reflexão no seguinte trecho:

“No entanto, também a reflexão mental terá o poder de reduzir as manifestações da emoção, por exemplo, quando o sujeito que a vivencia se põe a pensar sobre suas causas e seus efeitos. [...] Somente quando não consegue transmutar-se em ação motora ou mental, quando permanece emoção pura e intensa, produziria efeitos desorganizadores.” (GALVÃO, 2003, p. 77)

Em contrapartida, cabe aqui refletir sobre a linha tênue de “até que ponto” cabe a atuação docente. Nessas discussões acerca do lado emocional em sala de aula, é complexo perceber de forma precisa e objetiva as funções, os limites e até os instrumentos do docente. Porém, neste sentido, a seguinte fala de Paulo Freire (2018) expressa o quanto a apresentação e atuação do professor é humana por si só e com isso carrega estas faculdades. Freire (2018) diz:

E que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor, no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem-querer que tenha por ele.” (FREIRE, 2018, p. 138)



13.

Despedida



11.06.2024



Despedida

11.06.2024

O meu marido recebeu uma proposta de emprego em São Paulo, foi uma decisão bem difícil, mas depois de ponderarmos todos os fatores decidimos que faríamos essa mudança. Dessa forma, eu tive que pedir demissão da escola e me despedir desse ciclo, que foi tão significativo na minha vida profissional e também pessoal. Escrevo este texto já na casa nova, vida nova na capital paulista e já com saudade da sala de aula e da escola.

O tempo da proposta, da decisão e da mudança foi muito rápido, e acredito que apesar de já termos nos mudado, ainda estou processando tudo. Isso também trouxe impactos para minha pesquisa de mestrado, uma vez que tão envolvida nas questões pessoais, de adaptações minhas, da família e da neném, estou tendo que recarregar as forças e retomar o foco para os estudos. Apesar destes desafios acredito que mais esta reviravolta em nossas vidas nos trouxe bons frutos, está expandindo nossa zona de conforto e sinto que foi a decisão certa.

Como as coisas aconteceram de maneira rápida não tive tanto tempo de despedidas na escola, além disso, quando foi tomada a decisão estava na semana de provas e, por este motivo, a coordenação e direção acharam melhor esperar um pouco para compartilhar com os alunos e colegas de trabalho. Foi difícil entrar na sala de aula, manter a naturalidade, com uma mistura de emoções que eu estava sentindo, mas eu sabia que realmente era o melhor para os alunos. Quando as avaliações acabaram dei a notícia e então em menos de uma semana seria meu último dia na escola. Os alunos a princípio nem acreditaram, mas aos poucos foram absorvendo.

Foi muito emocionante para mim encerrar esse ciclo, me lembrei da Amanda que começou ali e pude ver o quanto me desenvolvi, o quanto cresci, aprendi e o mais importante, o quanto valeu a pena não ter desistido nos momentos mais desafiadores. Senti que conquistar a confiança dos alunos não foi tão fácil, como relatei aqui em outros textos, mas valeu a pena. O processo valeu a pena, porque eu pude me desenvolver muito, enxergar muitas coisas, profissionais e pessoais. A turma que foi mais desafiadora, quando entrei na escola era o 9º ano, agora são o atual 2º ano fizeram uma despedida surpresa para mim.

Um fato que eu achei incrível foi que minha primeira aula na escola foi pra essa turma (05 de junho 2022) e a última aula também foi para eles (14 de maio 2024). Eles prepararam uma mesa com muitas comidas deliciosas, o quadro estava cheio de recados, fecharam meus olhos para entrar na sala, me sentaram na cadeira e começaram a tocar uma música (voz e violão) de composição deles:

"Cinco de junho tudo aconteceu,
o professor foi embora e a nova apareceu
que começo difícil muita confusão
mas você sempre passou a sua lição

Sempre calma paciente
tentando ouvir a gente
nossa turma entendeu
nossa Química bateu

A gente errou confesso
o que importa é o processo
pra gente poder crescer

Não precisamos pular etapas
Não precisamos correr depressa
porque sabemos que no futuro
é o processo que interessa

Não precisamos pular etapas
não precisamos correr depressa
porque sabemos que no futuro
é o processo que interessa

Cuide bem da sua família
te guardarei no coração
você nunca vai estar sozinha
e novamente te peço perdão

Cuide bem na sua família
te guardarei no coração
você nunca vai estar sozinha
e novamente te peço perdão

Boa viagem pra SP

Nunca vou esquecer você (4x)"

Fonte: Autoria dos alunos 2º ano Fundação 2024

A letra, a melodia, os alunos cantando, mexeram com tantas coisas em mim. Semanas antes da despedida eu tive uma conversa muito sincera com eles, sobre comportamento, sobre escola, sobre vida. É uma turma que mais uma vez estava apresentando comportamentos desafiadores, com vários professores e até com a coordenação/direção. Eu sentia que precisava dessa troca com eles. E no meio dessa conversa falei muito sobre a importância dos processos em nossas vidas, sobre como muitos resultados que desejamos não são imediatos, que precisamos plantar e esperar para depois colhermos os frutos.

Então ouvir essa letra de música conectou tantos pontos, foi tão profunda. Ao mesmo tempo que ela fala sobre essa nossa reflexão em conjunto, ela diz muito também sobre a minha trajetória na escola, com esta turma e também (mesmo sem eles saberem) diz sobre o que vou encarar nesse novo que me aguarda. Porque toda mudança também gera ansiedade, medos e escutar deles e ter essa letra é também lembrar pras minhas próprias inseguranças que “não precisamos pular etapas e nem correr depressa, porque no futuro é o processo que interessa”.

Então, mais uma vez percebo na prática o quanto ser professora é aprender ao mesmo tempo que se ensina, acontece de maneira simultânea e pode até ser sutil. Filmaram e ter esse registro foi tão importante pra mim. Rever a cena e o carinho é uma forma de guardar quentinho no meu coração o quanto esse ciclo representou pra mim. Essa escola foi muito além do ambiente profissional, eu consegui me conectar com as pessoas, desde os profissionais, colegas de trabalho até cada estudante. Recebi tanto afeto, tanto acolhimento. Fazer parte dessa escola foi muito além de me formar como professora, foi ressaltar e viver na pele diariamente o que eu já acredito e estudo: a humanidade e a afetividade presentes no espaço escolar.

Me despedi com muitas lágrimas, cartas, carinho, uma letra de uma música (que presente especial) e com uma gratidão imensa por ter construído essa trajetória. Além disso, a coordenação me perguntou se eu teria algum(a) professor(a) de Química para indicar e então eu indiquei uma das professoras que foram entrevistadas na minha pesquisa de mestrado. O principal motivo para eu confiar no trabalho dela foi justamente a nossa entrevista para a pesquisa e isso me fez refletir na prática como são importantes essas trocas sobre a docência, o quanto a gente consegue se identificar e se aprofundar. Tenho certeza de que esta professora tem o perfil da escola e que fará uma ótima transição, os alunos estarão em ótimas mãos, isso me deixou mais tranquila e feliz também com o desfecho dessa história, desse ciclo.

Agora, meus planos são em um primeiro momento focar na adaptação da minha família na nova cidade, casa, rotina e ter mais tempo para conciliar os estudos do mestrado com a maternidade. O retorno ao mercado de trabalho penso em executar alguns meses mais pra frente, após a defesa do mestrado e melhor adaptação em nossa nova vida.

“O rompimento desses circuitos dependeria de um arrefecimento na atmosfera emocional, obtido sobretudo pelo distanciamento da situação e pela reflexão analítica sobre seus condicionantes. O distanciamento necessário pode ser mais facilmente obtido se o professor contar com algum instrumento mais sistemático de reflexão, como o registro escrito das situações vividas sob a forma de um diário de bordo, ou com a interlocução de outro profissional, que pode ajudá-lo a ver a situação por ângulos que ele, por estar imerso nela, não pode enxergar.

Ao analisar a situação, bem como suas próprias reações emocionais, o educador tem maiores chances de compreendê-la. Ao se permitir assumir suas próprias emoções, por menos nobre que sejam, como a raiva dirigida a um aluno específico ou o desespero em que se vê em determinadas situações, o educador pode perceber melhor o modo como vive as situações e como ele as influencia. Vendo-as com mais clareza, é menor o risco de cair em circuitos perversos e maiores as chances de ter atitudes mais acertadas.” (GALVÃO, 2003, p. 87)

A escrita deste diário foi muito relevante em diferentes aspectos, que se estendem ao objetivo prático de apresentação do produto educacional para o mestrado profissional. Esta prática da escrita do diário de bordo me permitiu ter espaço para expressar o que eu estava sentindo e pensando, me proporcionando organizar, de alguma maneira, tantas coisas que estava experienciando nos últimos anos, o início da carreira docentes, a pesquisa em curso, a gestação, a maternidade e a mudança com o encerramento deste ciclo.

Além da escrita, fui percebendo a riqueza presente nas trocas para a docência, durante meu percurso pude ser escuta e também pude ter espaço para muitos desabafos, acolhimentos, pontos de vista diferentes e concordantes, dos meus colegas de trabalho, amigos do programa de mestrado, orientadora, coordenação e direção da escola, amigos da vida e familiares, que foram cruciais para que esta trajetória fosse possível. As relações humanas realmente são sustento, por mais complexas que ela possam se apresentar, nas salas de aula não é diferente.

Por vezes, já me questioneei sobre a minha afetividade, sobre me apresentar não apenas como professora, mas com tudo que carrego comigo, sobre não temer estar aberta a afetar e também ser afetada pelos que cruzam meus caminhos, mas fui percebendo e me dando conta da potencialidade disso aos poucos, o quanto pra mim é importante deixar um pouco de mim naqueles que me oportunizam fazer parte de suas vidas e levar comigo aqueles que se fizeram parte da minha. Isto para mim é o grande sentido e seguirá sendo o essencial.

Assim como Paulo Freire aborda em *Pedagogia do Oprimido*:

“O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. Lido por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as utopias e os desejos, as frustrações, as intenções, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas.” (FREIRE, 2018, p.141)

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 57ª edição. Rio de Janeiro| São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GALVÃO, I. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. *In*: ARANTES, V. A (org.). **Afetividade na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 2003. p.71-88.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**. v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

LEWIN, K. (1939). Experimentos com espaço social. *In*: LEWIN, K. Problemas de dinâmica de grupo. São Paulo; Cultrix, 1973.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.